

SACOPÁ
O ETERNO MISTÉRIO

E LEIA

veja

EDITORA ABRIL · N.º 228, 17 DE JANEIRO DE 1973

CIS 4,00

COM ESSE
DINHEIRO,
EU COMPRARIA
UM GAUGUIN

OS PREÇOS
(OS VÍCIOS E AS VIRTUDES)
DO MERCADO
DE ARTE
BRASILEIRO

Instituto de arte contemporânea

O MERCADO DOS BESTSELLERS

*As polêmicas, as surpresas
e as contradições
do mercado de arte no Brasil*

"Mettons un peu d'ordre à cette orgie."

(Sugestão de Madame de Saint-Ange durante uma festinha de "Filosofia da Alcova", do Marquês de Sade)

Se a tribo de nativos do Taiti, onde viveu aquele francês de barbicha, tivesse guardado os estranhos desenhos que ele fazia, poderia estar vivendo hoje com uma das maiores rendas per capita do mundo. Se o estalajadeiro que aceitou contrafeito aquele monstruoso quadro de um boi esquartejado como pagamento de uma pousada tivesse sido previdente, seus herdeiros poderiam ter erguido o mais luxuoso hotel da Europa. E se aquele holandês ruiço e maluco tivesse mandado algumas dezenas de boas telas à sua amada, em vez de mandar a orelha — quantos príncipes ela teria podido amar na velhice?

Portanto, quem garante que o jovem pintor que está expondo na galeria do bairro não é o Gauguin, Rembrandt ou Van Gogh* dos tempos modernos? No Brasil, porém, até os últimos anos, essa dúvida era sobretudo um excelente tema para conversas de vernissage. Na realidade, Gauguin não morou no Brasil nem Van Gogh apaixonou-se por Florinda Bulcão e os artistas brasileiros, amarrados às leis pachorrentas de um comércio amadorístico, mal conseguiam valorizar suas obras na mesma proporção em que se desvalorizavam os retratos de Pedro Álvares Cabral nas notas alaranjadas de 1 000 cruzeiros. Então, veio a surpresa. Em cinco anos, nasceu o mercado de arte brasileiro que, depois

de vigorosas engatinhadas, deu no ano passado as primeiras demonstrações efetivas de sua força. Esta deve oscilar em torno de um movimento de 100 milhões de cruzeiros por ano, incluindo transações com quadros que são negociados a preços dignos das praças mais requintadas e dos valores mais conhecidos do mercado internacional.

A quebra dos recordes — Chovêu dinheiro no deserto das artes. O quadro "A caça", de Cândido Portinari, foi comprado há menos de um mês por um banqueiro paulista por 380 000 cruzeiros. E José Paulo Domingues, 45 anos, o czar do mercado, com um estoque de 13 milhões na sua fortaleza da galeria Collectio, na avenida Brigadeiro Luís Antônio, em São Paulo, prevê: "Este será o primeiro quadro a bater a cifra do milhão". Talvez se engane, pois há indícios de que outro Portinari, trazido dos Estados Unidos e negociado em condições particulares, custou 600 000, tornando-se um candidato bem mais forte ao recorde. O "boom", porém, não se concentrou no conhecido e venerado Portinari. Ismael Néri, um pintor que se correspondia com Marc Chagall na década de 30, quando morreu, saiu das lojas de bricabraque onde o marchand Giuseppe Baccaro costumava encontrar desenhos seus na década de 60 e instalou-se no patamar da fama. Em 1972, seu auto-retrato, disputado valentemente num leilão, saiu por 276 000 cruzeiros. Dez anos antes, quem tivesse pago 10 000 poderia ser visto como um perdidário.

Em dezembro, mais um recorde foi batido, e Emiliano Di Cavalcanti, aos 75 anos, recebeu em seu apartamento do velho bairro carioca do Catete a notícia de que a "Maternidade" passava a ser a mais valorizada de todas as suas obras. "Nem sei qual é. Pinteí muitas, pois tive muitas fases", explicou a

* Gauguin (1848-1903), já maduro, resolveu abandonar a família e a pátria para pintar, indo morrer sozinho em Taiti, na prisão. Uma natureza morta de Rembrandt (1606-1669) foi usada por um nobre de sua época para pagar uma despesa de viagem. E Van Gogh (1853-1890), num conhecido episódio, cortou a própria orelha e a enviou, embrulhada numa caixinha, a uma mulher.

José Paulo Domingues: o czar

VEJA. Como Di, poucos se lembravam de tão valiosa obra. Cerca de um ano antes, não houve quem a tirasse de um leilão por 80 000 e, num passado ainda recente, teria repousado em paredes mexicanas, até que foi trazida para o Brasil com outras três, todas adquiridas entre os 30 e os 75 000 cruzeiros. Essa alta, além de incensar artistas de valor reconhecido, serviu para patrocinar descobertas como a de velhos pintores cujas obras estavam empoeiradas e desvalorizadas. Em São Paulo, surgiu Antônio Gomide, segundo Domingues "um dos nossos maiores mestres", que morreu num hospital sem ter visto seus trabalhos sequer cotados. Agora, um pequeno painel seu pode cobiçar 60 000 cruzeiros. No Rio, renasceu Eugênio Sigaud, com seus miúdos quadros de operários trabalhando em cima de andaimes, capazes de valer 3 000 cruzeiros. Alfredo Volpi foi revisitado e tornou-se um dos artistas mais valorizados do mercado. Orlando Teruz, contemporâneo e similar de uma fase de Portinari, depois de ter sido visto em lojas de móveis da rua do Catete, no Rio, teve seu valor multiplicado e hoje custa algumas dezenas de milhares de cruzeiros. Não houve acervo que não fosse vasculhado e, dos porões de casas tristes de artistas desconhecidos, saiu boa parte das obras que deveria alimentar a voracidade do mercado.

Conseqüência da Revolução — Às 10h30 do dia 27 de julho, para manter o ritmo de movimento de sua galeria, José Paulo Domingues, um ex-professor de economia com aparência de astuto prelado e sotaque franco-italiano apesar

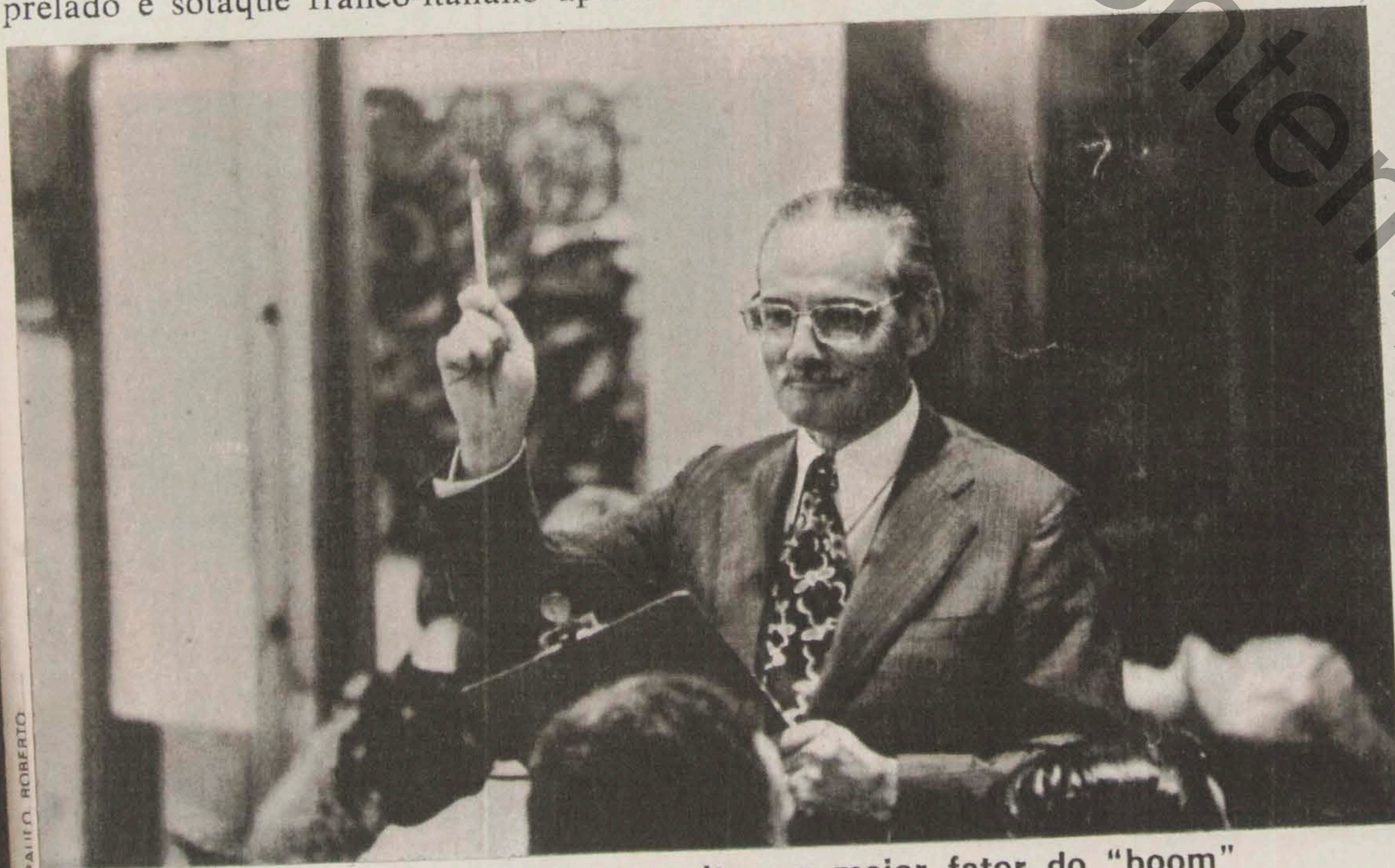
de ter nascido em São Paulo, autorizava a compra de mais um Portinari para ser negociado em seus leilões. Uma hora e meia depois, entrava na sala de operações do professor Euríclides de Jesus Zerbini, onde seria operado das coronárias. A operação deixou-lhe uma cicatriz de 30 centímetros no meio do peito. No entanto, todas as outras operações que fez no ano, correndo riscos bem menores, permitiram que na sexta-feira da semana passada calculasse em 3,6 milhões o lucro líquido de sua empresa em um ano: a Collectio faturou, em 1972, 28 milhões, com 1 022 compradores, depois de ter negociado com apenas 310, em 1971. Foi também eleito presidente da recém-fundada Associação Nacional dos Comerciantes em Arte do Brasil. No Rio, a Bolsa de Arte, dirigida por José Carvalho, ex-sócio da empresa de roupas Ducal, e agora paramentado com um sóbrio cavanhaque de marchand, anunciava um movimento de 8 milhões.

Essa euforia, liderada pelas duas casas de leilões, atraiu uma parte do dinheiro desencantado pela queda da Bolsa de Valores e estabeleceu novas normas no mercado. Se alguns anos atrás alguém tinha dificuldade para se desfazer de uma obra de arte, agora ela terá dificuldades para se desfazer dos compradores. A qualquer momento um trabalho de valor razoável pode ser colocado em leilão na Bolsa, que o aceita em consignação, ou vendido à Collectio, que já se transformou num banco de descontos para colecionadores, marchands e artistas apertados.

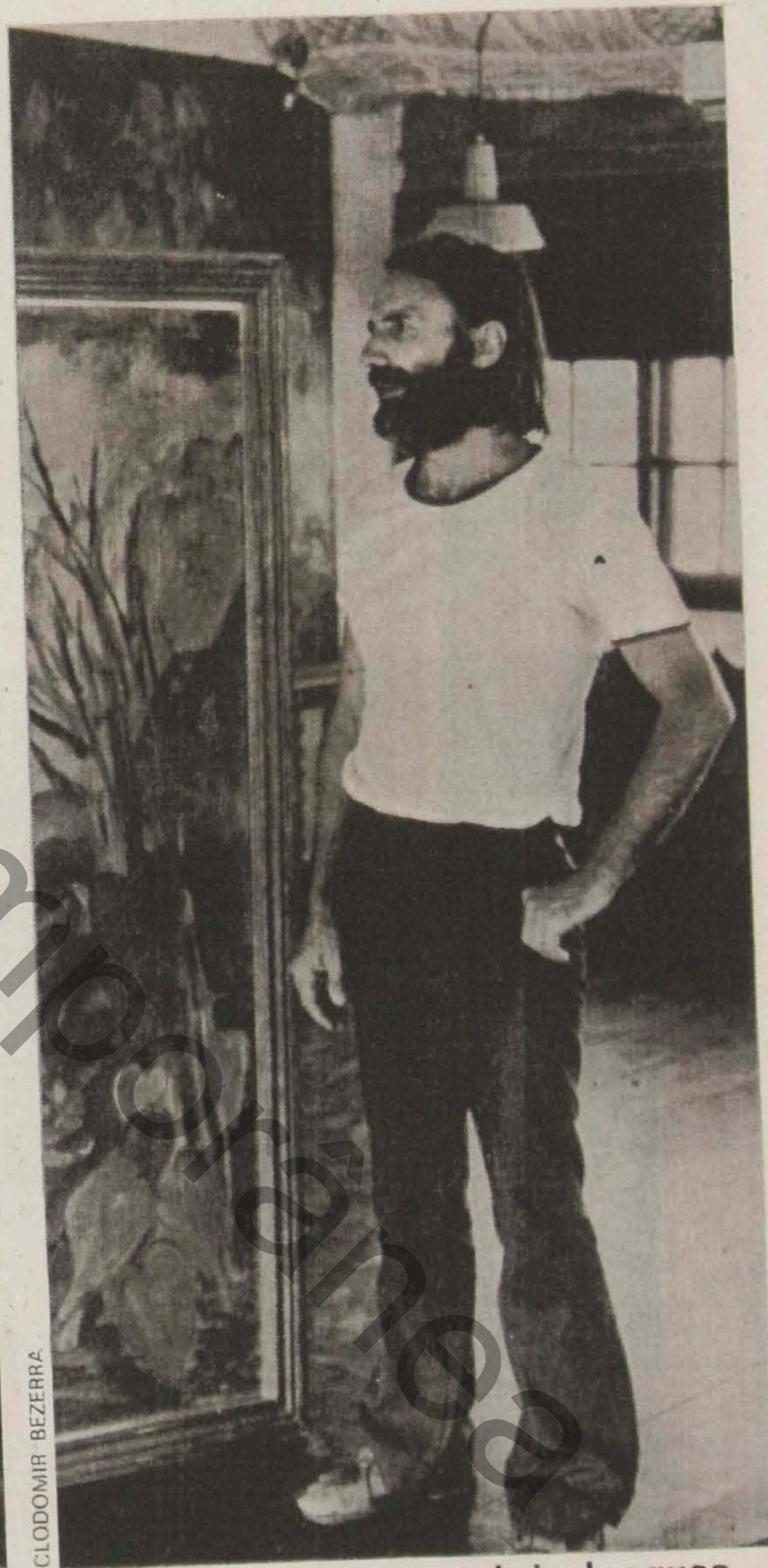
Contudo, a festa parece não estar merecendo aplausos incondicionais. Di

Cavalcanti, que sem dúvida está sendo beneficiado pela alta, esclarece: "Eu acho essa história de mercado e de cotações muito chata. Quero que me deixem em paz. Passei muitos anos na miséria e agora estou bem, mas quem ganha com essas grandes vendas não sou eu, são os vendedores. Essa história toda é apenas uma conseqüência da Revolução. Aquela revolução antiga, como é que chama mesmo? É, a Revolução Industrial. Nós agora estamos na fase do best seller". O ministro da Fazenda, Antônio Delfim Netto, colecionador de Volpi e alvo de pintores em busca de promoção, foi um dos mais sagazes curiosos da periferia do mercado e agora ele sempre leva quadros para presentear durante suas viagens internacionais. O ministro das Finanças da França, Valéry Giscard D'Estaing, e o primeiro-ministro do Japão, Kakuei Tanaka, ganharam Mabes, enquanto o ex-secretário do Tesouro americano, John Connally, recebeu um oportuno Clóvis Graciano que,

continua na página 48



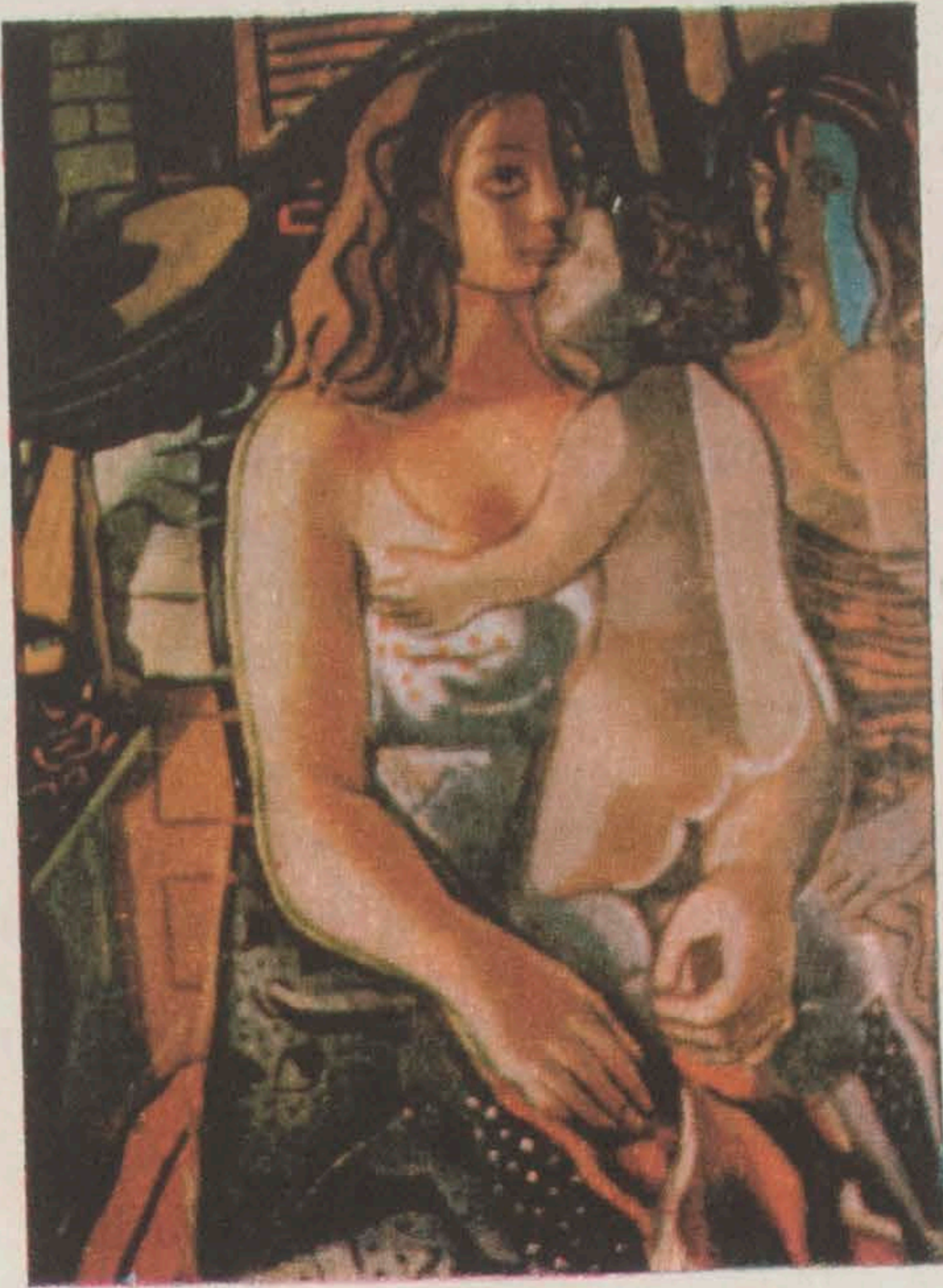
Os leilões de arte: para muitos, o maior fator do "boom"



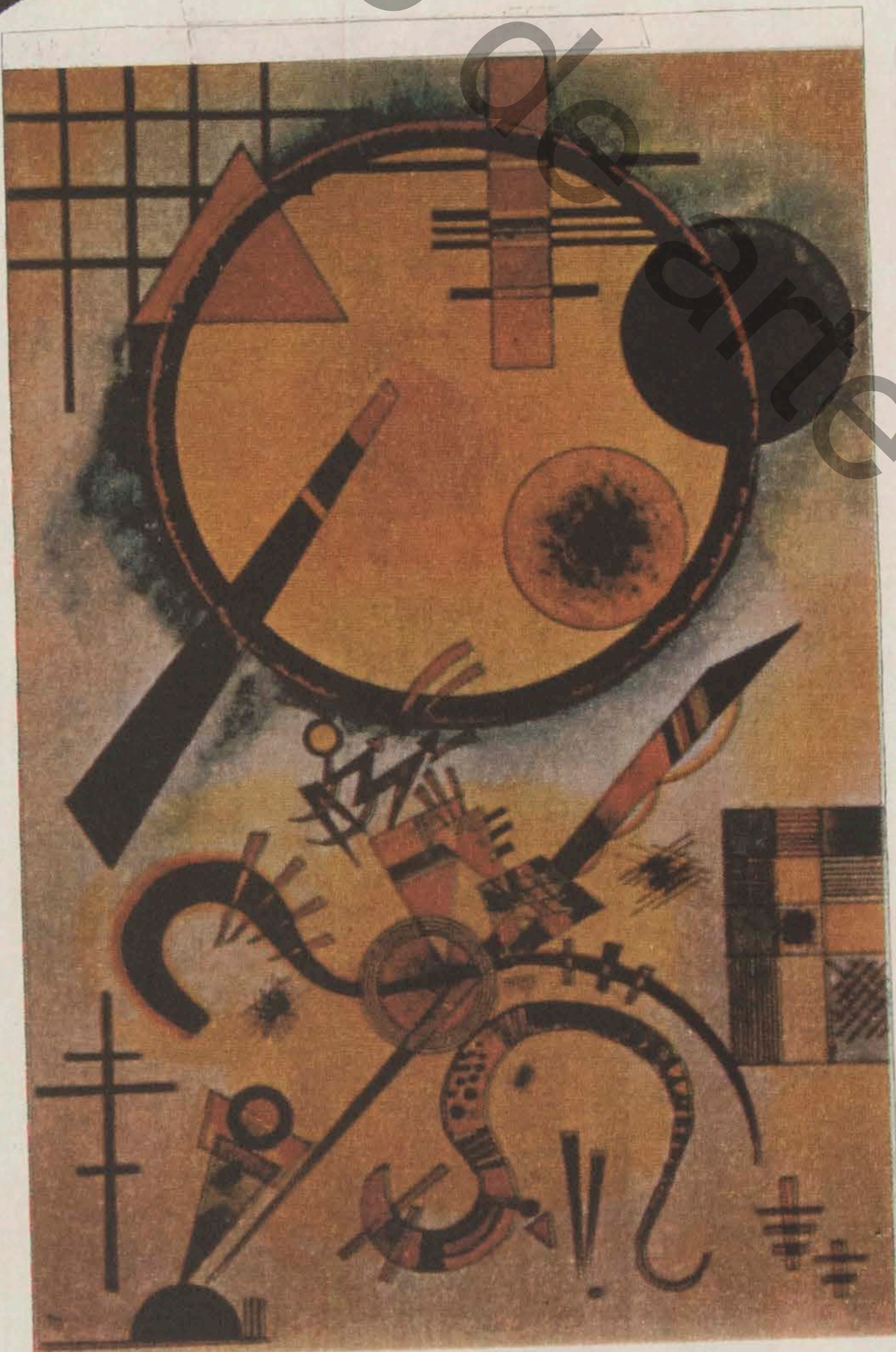
Baccaro: Néri em bricabraques

A seguir, o que valem dois dos quadros mais caros do Brasil

DI CAVALCANTI
E PORTINARI:
AS TROCAS
POSSÍVEIS



À esquerda, "Maternidade",
óleo, 1 m x 80 cm,
o quadro mais caro
de Di Cavalcanti vendido até hoje.
Pelo mesmo preço
(Cr\$ 300 000,00), poderiam ser
compradas todas as
obras e mercadorias da chave
abaixo.
(As cotações internacionais são
as do volume
"Art at Auction", editado pela
Sotheby's-Parke Bernet,
onde as obras foram leiloadas
em 1971 ou 1972.)



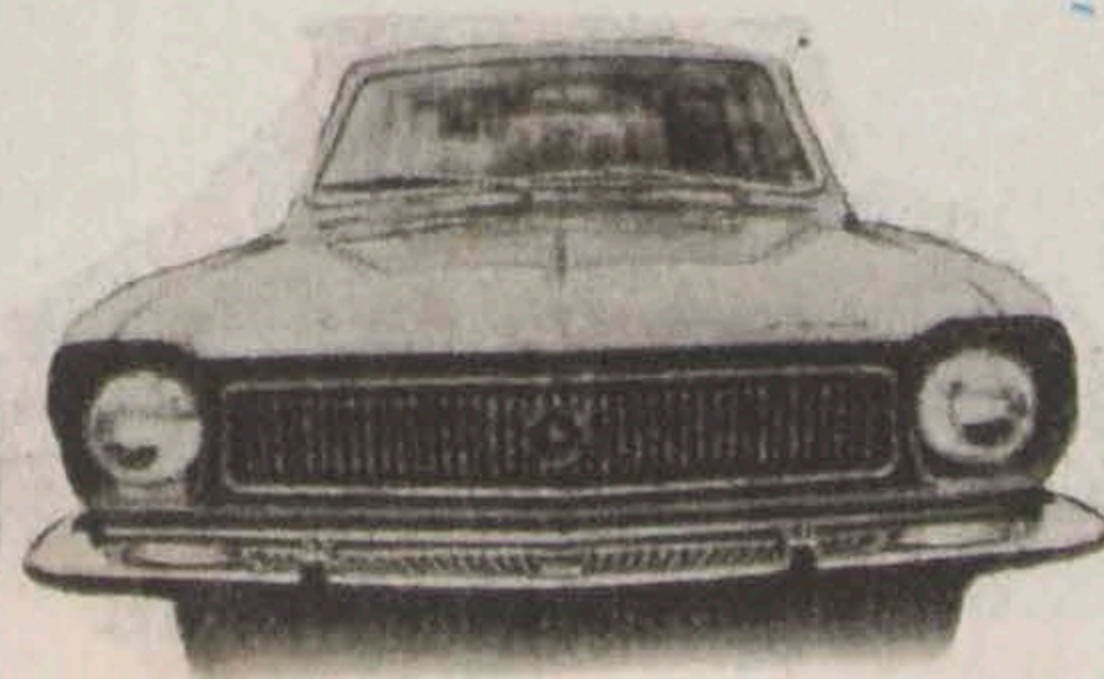
Wassily Kandinsky (1866-1944), "N.º 225",
aquarela, 1927, 49 x 33 cm,
Cr\$ 192 000,00



Dürer (1471-1528),
"Paisagem com canhão",
gravura, 22 x 32 cm,
Cr\$ 64 500,00



Gainsborough
(1727-1788),
"Carruagem no
jardim",
desenho, 37 x 26 cm,
Cr\$ 16 500,00



1 Corcel Cr\$ 22 000,00



1 TV a cores Cr\$ 5 000,00



Portinari, "Colheita de café",
 óleo, 1 m x 81 cm,
 à venda em São Paulo e avaliado
 em Cr\$ 200 000,00.
 Com a mesma quantia, podem
 ser compradas as obras
 internacionais abaixo.



Rembrandt (1606-1669), cinco pequenas gravuras em metal, preço total: Cr\$ 24 000,00



Fragonard (1732-1806),
 "Villa italiana",
 desenho, 19 x 24 cm,
 Cr\$ 62 000,00



"Apollo",
 mármore romano,
 100 a.C., 82 cm,
 Cr\$ 69 000,00



Ícone russo do século XVIII,
 23 x 15 cm, Cr\$ 45 000,00

como era de se esperar, foi para a parede da sala do ex-governador do Texas. E, apesar de ser um bom freguês, Delfim tem uma opinião lúcida do fenômeno: "Às vezes compra-se um quadro porque fica elegante e hoje as facilidades de financiamento ajudam a movimentar o mercado onde o consumo geralmente tem um nível de renda bastante alto. Afinal, não se pode pendurar um Galaxie na parede". Mas, segundo o marchand Ralph Camargo, que procura liderar o comércio de arte de vanguarda em São Paulo, há quem pendure coisa muito pior: "Isso aí é um verdadeiro mercado de Volkswagens, onde predominam falsos valores que foram



Ralph: "Uma peste bubônica"

descobertos por cronistas sem visão e estão cotados acima do real. Dos pintores que hoje têm preço nesse mercado, a metade está condenada historicamente".

Polêmicas — Infelizmente, há artistas que consideram condenados, desde agora, também os marchands. Wesley Duke Lee, um pintor de vanguarda que trabalhava com a galeria de Ralph Camargo, publicou nos últimos dias de dezembro um anúncio nos jornais de São Paulo informando que as obras de arte estão sofrendo uma "especulação irreal" e chamando os comerciantes de levianos, irresponsáveis e irreverentes. Assim, verifica-se que o grande desenvolvimento do mercado serviu também para multiplicar todas as suas dificuldades, incoerências e, até mesmo, desonestidades. Se anos atrás todas essas questões já existiam, mas as galerias funcionavam em pequenas lojas, agora, com o surgimento de grandes salões e de muito di-

nheiro, ao lado dos quadros dos artistas, subiram também os tons de suas polêmicas.

As conversas de pé de ouvido foram substituídas por ardorosas declarações públicas. O professor Édson Motta, maior expert brasileiro em questões de autenticidade, anunciou que encerrava suas atividades depois de ter sido ameaçado por proprietários de quadros falsos em busca de expertises salvadoras. Em seguida, José Paulo Domingues disse a VEJA, desafiando-o: "Por que ele não diz quem o ameaçou? Vamos falar claro. Eu, por exemplo, posso dizer que tenho seis expertises de Édson Motta a respeito de obras de Pancetti declarando-as falsas. Numa delas, por exemplo, ele diz que a falsificação é deduzível

WESLEY DUKE LEE

ARTISTA PINTOR

- discordando do sistema atual de especulação irreal com obras de arte,
- com a irresponsabilidade, leviandade e irreverência de galerias, leilões, vendedores, etc.
- percebendo que os comerciantes de arte estimulam a confusão e o amadorismo com fins meramente comerciais.

Decide que de ora prá frente exporá somente em Museus ou Salas Públicas, atenderá, mostrará e venderá seus trabalhos diretamente aos interessados em seu atelier.

Marcar hora com D. Ana pelo telefone 269-4859, em Santo Amaro, na Avenida João Dias, 480.

Wesley: condenando os marchands

pelo fato de a pintura estar sobre Eucatex, enquanto a data é anterior ao surgimento desse material. Mas basta olhar o quadro para ver que se trata de uma pintura sobre papel que depois foi colado em Eucatex. Ele é bom expert, mas não podia monopolizar o mercado nem dar expertises sobre todos os pintores de todos os tempos".

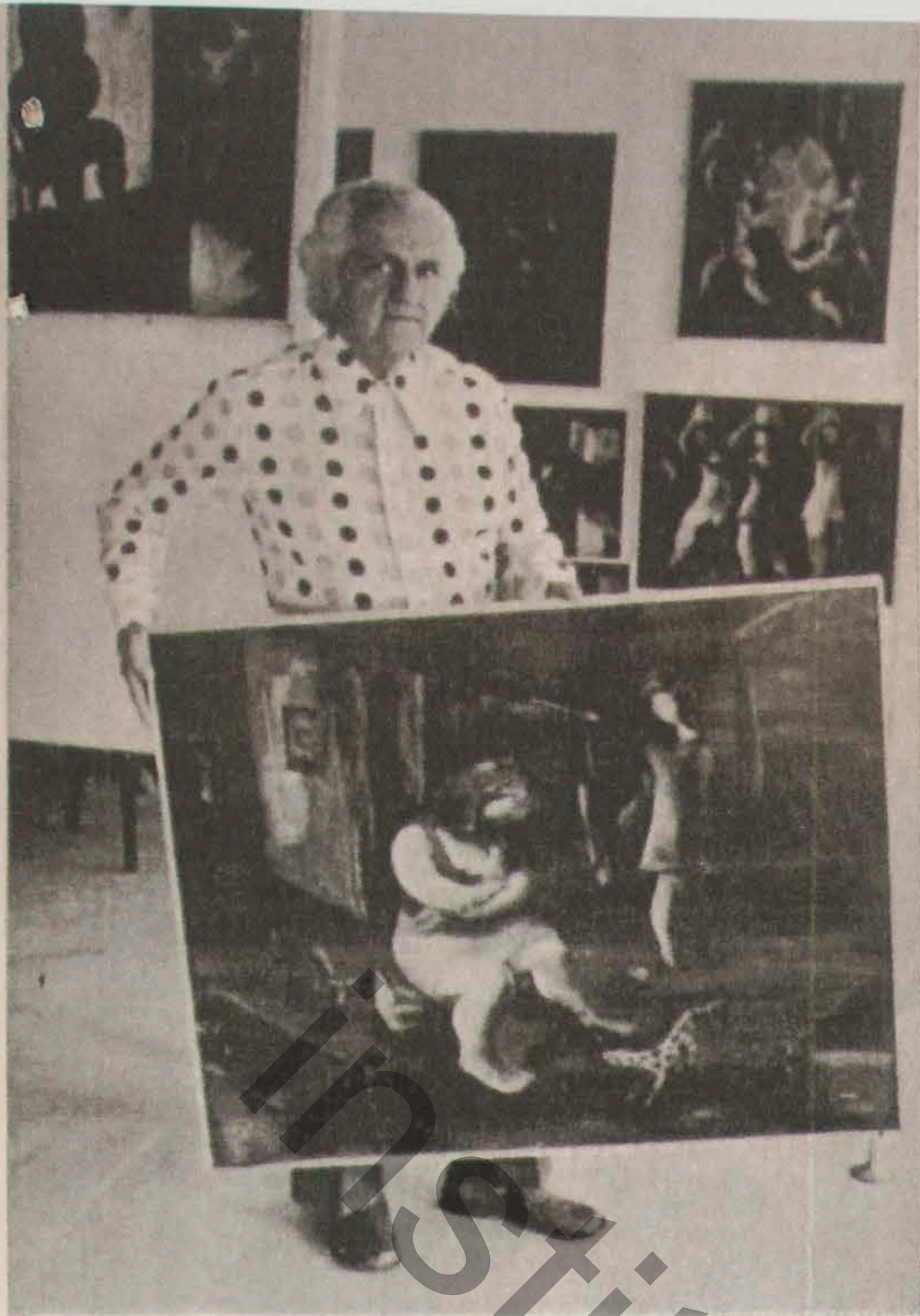
Diversões — A essência da discussão, contudo, não está num problema policial mal resolvido, mas sim na origem do "boom": os leilões. Eles são os responsáveis por mais da metade de todo o movimento e, portanto, por mais da metade das cotações. Com seu raciocínio matemático e intuição financeira, Domingues justifica e louva seu sistema: "Eu fui da charrete ao jato. Acabou o comércio e começou a existir um mercado graças ao desenvolvimento econômico do país. O leilão não mente. Podem surgir distorções, mas são as mes-

mas de qualquer produto mercadológico. Basicamente, nenhuma cotação artificial resiste à platéia do leilão". E, mais confiante, com a segurança de um cidadão que quando se refere a si próprio chama-se de "pessoa física" e tem a coragem de manifestar absoluta tranqüilidade com a Bolsa de Valores, onde está perdendo 734 000 cruzeiros, arremata: "A arte brasileira ainda tem muita reserva e seu PL * está baixo. Vai subir mais".

Mas há sólidos motivos para se duvidar da eficiência dos leilões como elementos para aferir cotações de artistas e a verdadeira solidez do mercado de arte. No primeiro deles, o imperador romano Calígula vendeu sua coleção por sestércios que certamente ela não valia. Num dos leilões da Collectio, a galeria anunciava: "Para retribuir a sua participação e homenagear sua cultura, vamos realizar a promoção cultural Collectio, através da qual, durante o leilão você poderá habilitar-se aos seguintes prêmios: 1) um Dodge Gran Sedã 73; 2) uma motocicleta Honda 350; 3) um quadro de Volpi; 4) uma viagem a Paris". Esse tipo de promoção permite que se conclua que pelo menos aquele leilão afirmava a supremacia de um Dodge sobre um Volpi, o que pode ser verdade em termos econômicos, mas não fica bem de ser lembrado numa casa de artes. Ralph Camargo, porém, vê o problema como sendo muito mais grave: "Esses leilões são uma corrupção, uma peste bubônica que representa a especulação artificial de preços e a manipulação de cotações do mercado à vontade dos leiloeiros". Outro marchand paulista, Yara Cohen, da Ars Bobile, uma galeria especializada em transações com gravuras, é mais cáustica: "Com esse farol de sorteio de carro, os leilões poderiam ser dirigidos pelo Chacrinha. Pelo menos seria mais divertido". E logo adiante ela dá uma clara indicação de que a idéia do lance à vontade do freguês pode não ser tão representativa do justo valor de um artista: "No ano passado, num leilão da galeria Aquarius saiu um desenho de Goeldi por 400 cruzeiros. O leiloeiro queixou-se dizendo que era um absurdo, no que tinha toda razão. Logo depois entrou um quadro de um autor medíocre. Eu ofereci, de propósito, 10 cruzeiros. Imediatamente apareceu uma voz oferecendo 250 cruzeiros. Eu levantei e disse que o maior absurdo era uma porcaria ser vendida por aquele preço".

Novorichismo cultural — O crítico Roberto Pontual, que apresentou inúmeros quadros em leilões para a Collectio, reconhece: "Não voltarei mais a essa atividade já que não consegui encará-la como puramente profissional. Acabei descobrindo que estava sendo inútil.

* Critério adotado nas ações para se saber em quanto tempo a sua rentabilidade cobre o preço pago por elas.



ANTONIO ANDRADE

Teruz: um teruztequista

Além disso, comecei a perceber que não entendia nada do fenômeno: por que uma gravura de Oswaldo Goeldi dificilmente ultrapassa os 2 000 cruzeiros e uma serigrafia de Di Cavalcanti, de tiragem ilimitada, chega a 3 000 cruzeiros? Os valores que predominavam eram os da ostentação e do investimento imediato. Mais incisivo, Walmyr Ayala, do "Jornal do Brasil", diz: "Leilão é para raridade. Para vender peças cujo valor seja reconhecido ou, pelo menos, para o qual se tenha alguma aproximação. Não se pode vender em leilão uma peça de Jenner Augusto, de Bianco ou de Orlando Teruz. Vendem coisas que é para custar 20 cruzeiros no balcão da casa da Banha, como serigrafia. O que está havendo é uma explosão do novorichismo cultural".

O pintor Orlando Teruz, cujo valor está sob a suspeita de uma negação quase unânime, talvez seja o melhor exemplo desse novorichismo. "Eu só compro Teruz da fase antiga", diz Domingues. Essa sua descoberta é oportuna — e bastante recente. No leilão de novembro de 1972, a Collectio vendeu três Teruz, de 1968 e 1969, por um total de 53 000 cruzeiros. "Deveria valer no máximo 500 contos", acrescenta Giuseppe Bacaro. "Vendi todos os meus Teruz, fiquei só com um", arremata Gilberto Chateaubriand, um dos mais antigos e mais insistentes colecionadores brasileiros. Contudo, o artista, de setenta anos, se defende: "O que atesta meu valor são os 6 000 quadros que já pinte. Tem gente que tem teruzteca". Um dos teruztequistas seria o colunista Ibrahim



CHICO NELSON

Teixeira: na maior cobertura

Sued, "que tem um gosto artístico bem elevado", diz o pintor.

Na verdade, até hoje não há pintor que tenha reconhecido suas deficiências. O próprio Oswaldo Teixeira, múmia do academicismo, que nos anos 30 disputava com Portinari a glória de ser o maior pintor brasileiro, continua denunciando a Semana de Arte Moderna de 1922 como "um golpe de intelectuais" e provando que é um bom artista porque ainda tem mercado: "Eu não vou ficar perto dos modernos nos leilões para ser desvalorizado. Cobro 10 000 cruzeiros por um retrato e acabei de vender um trabalho por 20 000. Moro numa cobertura de Copacabana com 800 metros, talvez a maior do bairro. Como é que posso estar desvalorizado?"

Teixeira está coberto de razão. Não há nenhum crítico que seja capaz de destruir a aritmética de seu valor estético. Da mesma forma que ninguém pode rebater Domingues quando ele afirma: "O que determina os preços é a lei da oferta e da procura". Contudo, a arte como negócio é capaz de provocar muitas surpresas. A Noiva de Siracusa, pintada por Lord Leighton, gentleman inglês do século passado, teve 2 677 libras de procura em 1874 e só 200 de oferta em 1961. O mercado internacional, com sua experiência e todos seus mecanismos protetores, consegue resguardar o bolso dos colecionadores de surpresas semelhantes. Em todo caso, o investidor brasileiro, capaz de entrar numa galeria ou num leilão com a sensação de mecenato de um milionário que atravessa os portões do prédio em forma

de caixote da galeria Parke Bernet, em Nova York, ou a soleira da Sotheby's, que se instalou em Londres em 1744, é um caçador impotente e desarmado.

Desconhecidos — No mercado internacional, além dos mestres de valor reconhecido, até mesmo artistas de âmbito regional freqüentam os catálogos. O Anuário Internacional de Vendas, editado em Paris, registra anualmente as principais operações do mercado. Por isso, a colecionadora francesa Liliane Pollock, assessora de diversas galerias parisienses depois de passar os olhos por alguns livros, disse a VEJA: "Não posso fazer qualquer comentário sobre esses senhores, pois não os conheço". Diga-se que os "senhores" são Portinari, Di Cavalcanti, Ismael Néri e outros glorificados pelos largos preços do mercado brasileiro. No entanto, para velhos conhecedores do mercado internacional, só vale o que foi negociado. Peregrine Pollen, um inglês alto de cabelos compridos e grisalhos aos 41 anos, está se preparando para vir ao Brasil. Sua maior curiosidade, como vice-presidente da Sotheby's, talvez seja o carnaval do Rio, mas pelo menos um dos hipervalorizados pintores brasileiros ele conhece: "Um quadro de Portinari foi leiloado aqui em 1971. Alcançou um lance de 700 libras (10 150 cruzeiros)".

Ele manteve o seguinte diálogo com VEJA:

— É possível que um bom vendedor e um rico colecionador venham a projetar um artista de pouco talento?

— Podê acontecer, mas não dura muito. Além disso, um bom vendedor não deve se arriscar a fazer um artista de pouco talento.

— O que o senhor acha de um Portinari vendido por 63 000 dólares no Brasil?

— Esta pergunta poderia ser melhor respondida por um marchand. Nós somos leiloeiros. Mas eu posso assegurar que 63 000 dólares é uma soma muito considerável de dinheiro no mercado internacional.

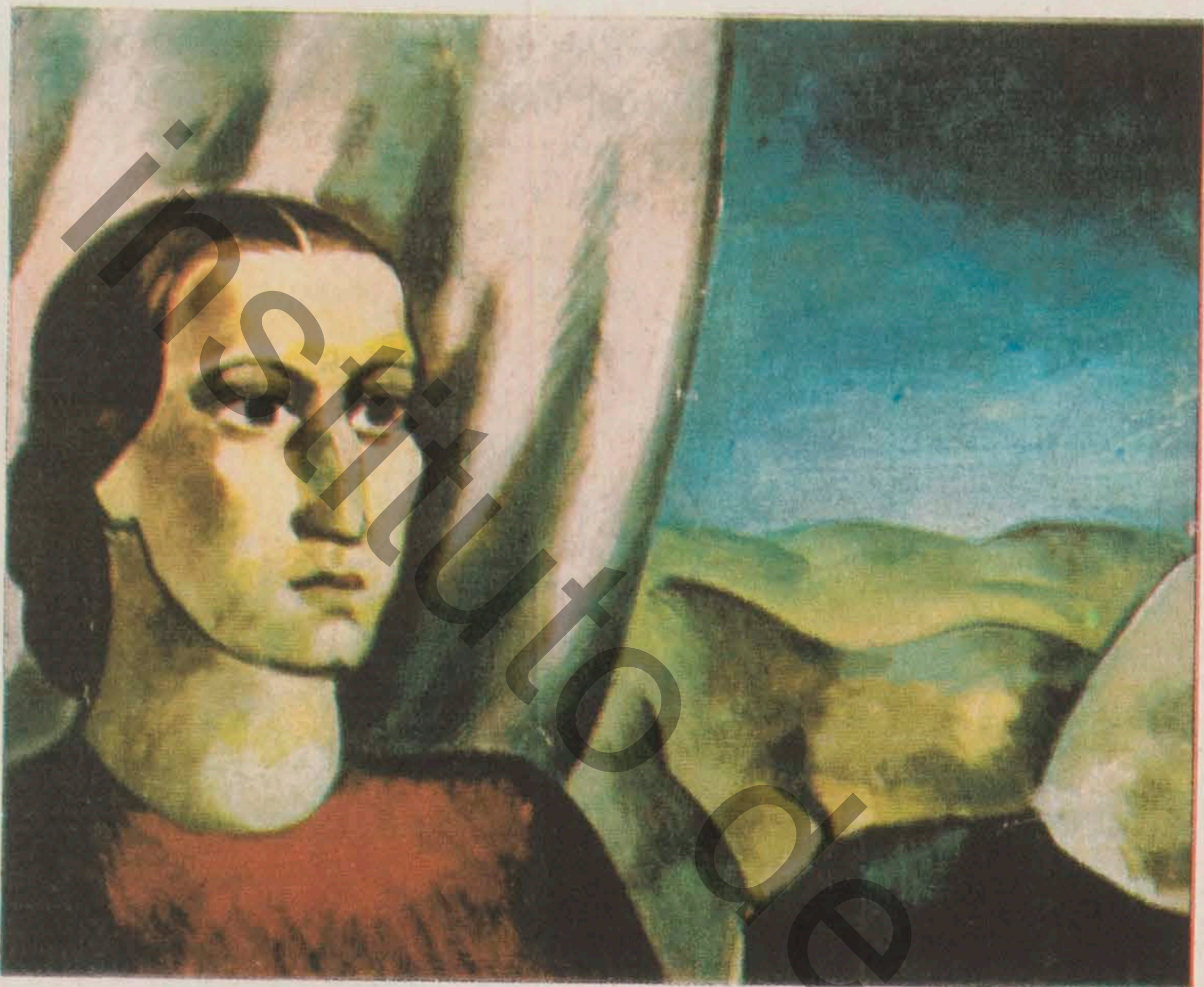
De fato, a grande questão do "boom" brasileiro é a discussão da elegante insinuação de Pollen. Se um Portinari, um Di Cavalcanti e um Ismael Néri atingiram cotações capazes de competir com obras médias de grandes artistas, é possível que todo o mercado esteja apoiado numa perna só, a lei da oferta e da procura. E essa lei é facilmente manipulável. O Anuário de Vendas de Arte no Brasil, editado pela Bolsa de Arte do Rio em 1971, registra algumas gra-

continua na página 52

Nas duas páginas seguintes, outras comparações dos mercados

SEPARADOS APENAS PELOS SÉCULOS

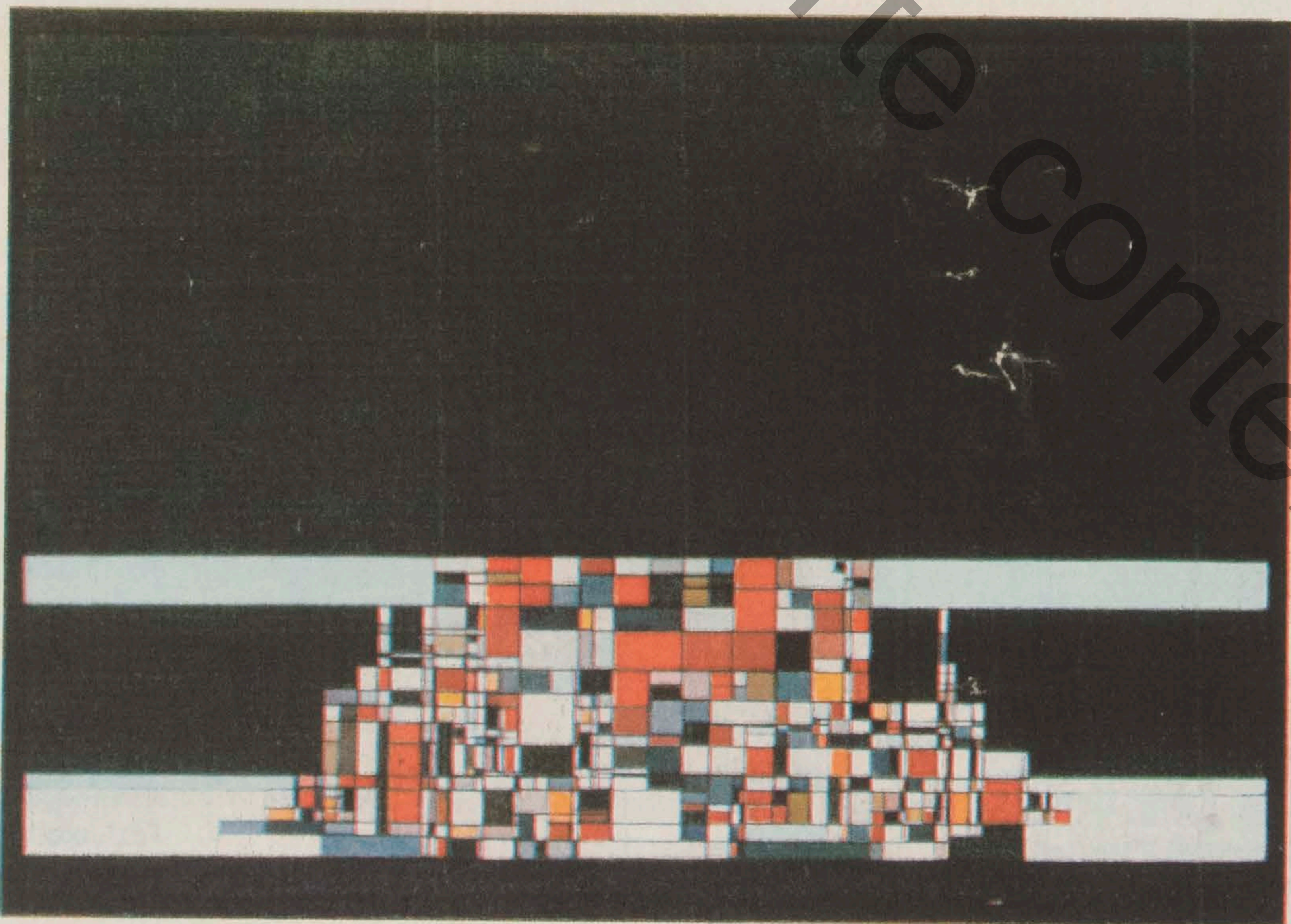
*Os dois quadros
à esquerda,
de contemporâneos brasileiros,
foram vendidos
em leilões do ano passado.
Mas seus donos
poderiam ter adquirido
obras antigas.
E ainda fariam uma
pequena economia*



Ismael Néri, "Figura", óleo, sem data,
43 x 51 cm — Cr\$ 80 000,00



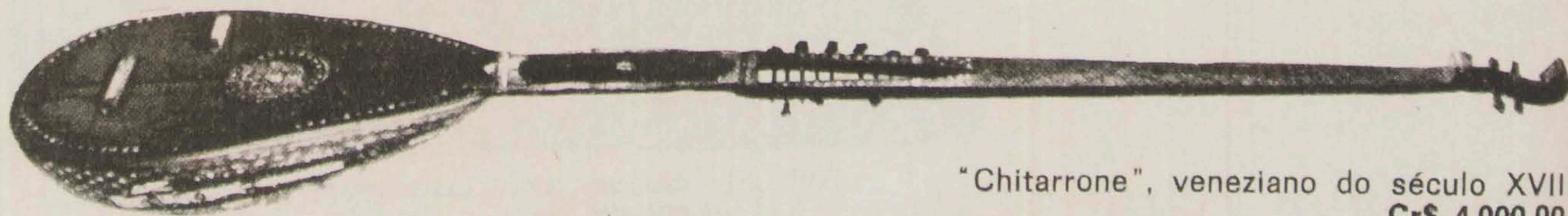
Tapeçaria gótica francesa, começos do século XVI,
3,90 x 3,00 m — Cr\$ 72 850,00



Milton Dacosta, "Cidade", óleo, década de 50,
100 x 65 cm — Cr\$ 60 000,00



Cofre de marfim com ferragens de prata,
francês, entre 1500 e 1550,
15 cm — Cr\$ 55 800,00



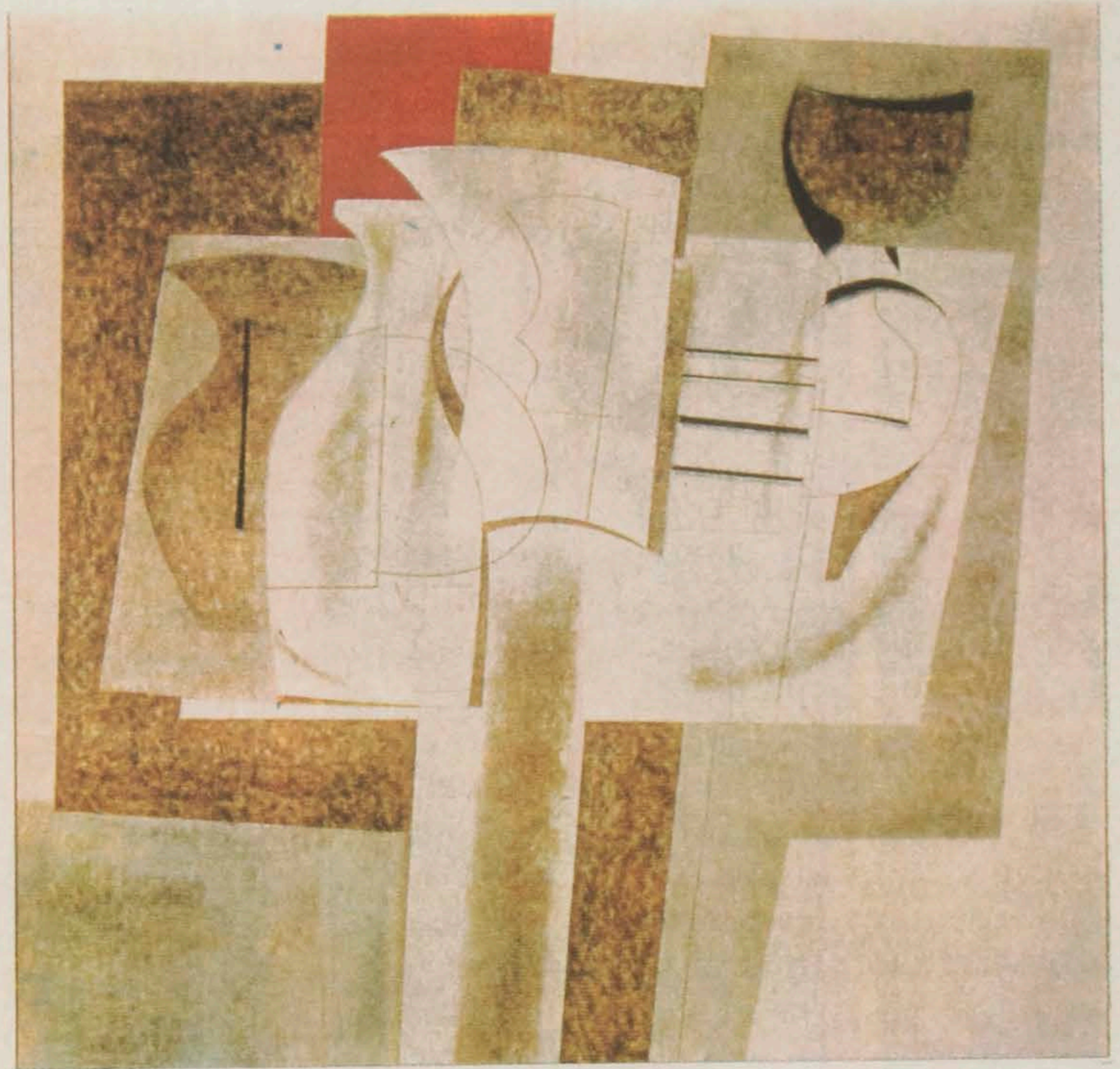
"Chitarrone", veneziano do século XVII
Cr\$ 4 000,00

O MERCADO INTERNACIONAL: MAIS BARATO

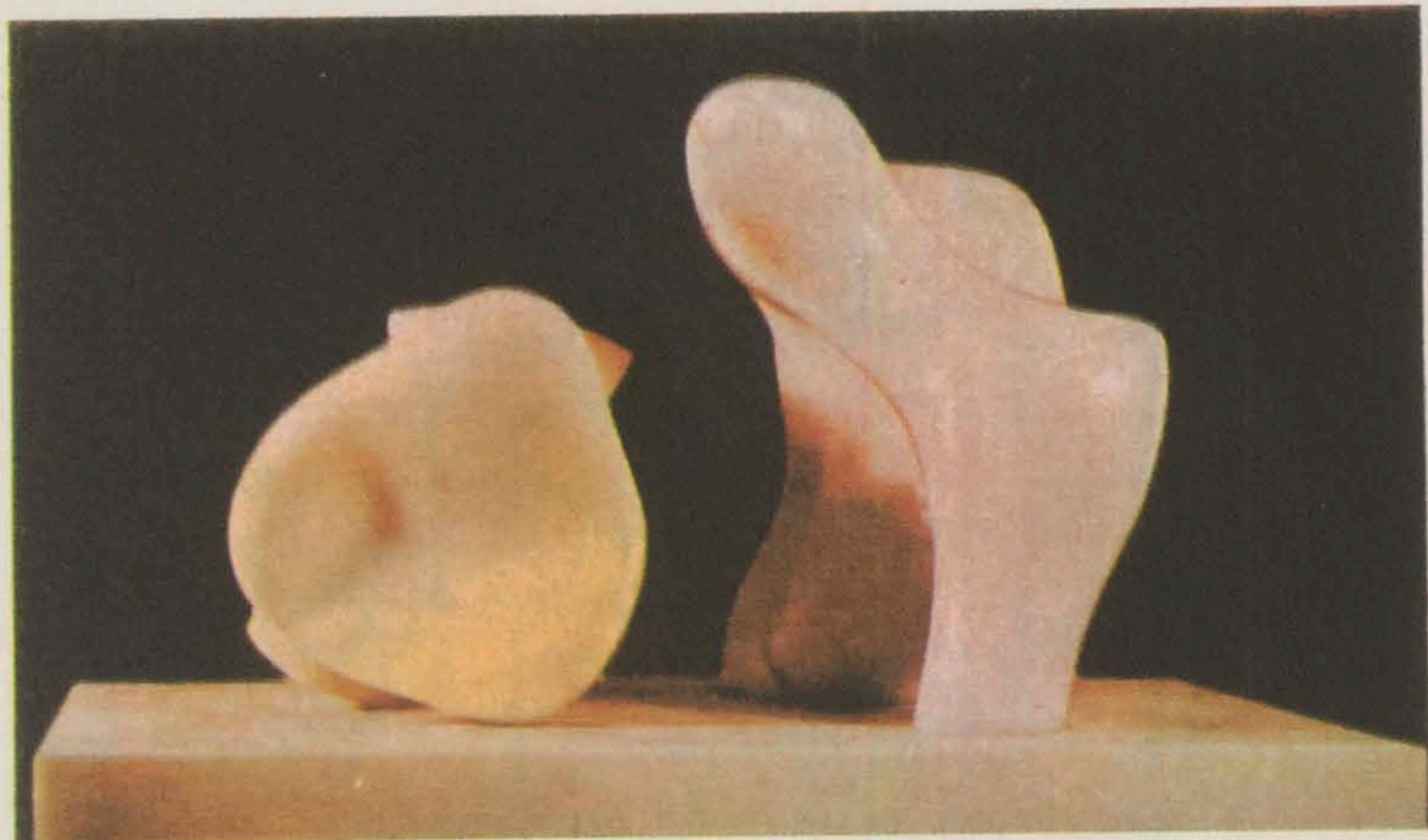
As obras abaixo
foram vendidas
nos últimos dois
anos pelos preços
indicados.
Todos são menores
que o recorde oficial
(um Portinari,
por Cr\$ 380 000,00)
do mercado brasileiro



Max Ernst (1891), "A regra do jogo", óleo, 1957,
72,5 x 60 cm — Cr\$ 294 500,00



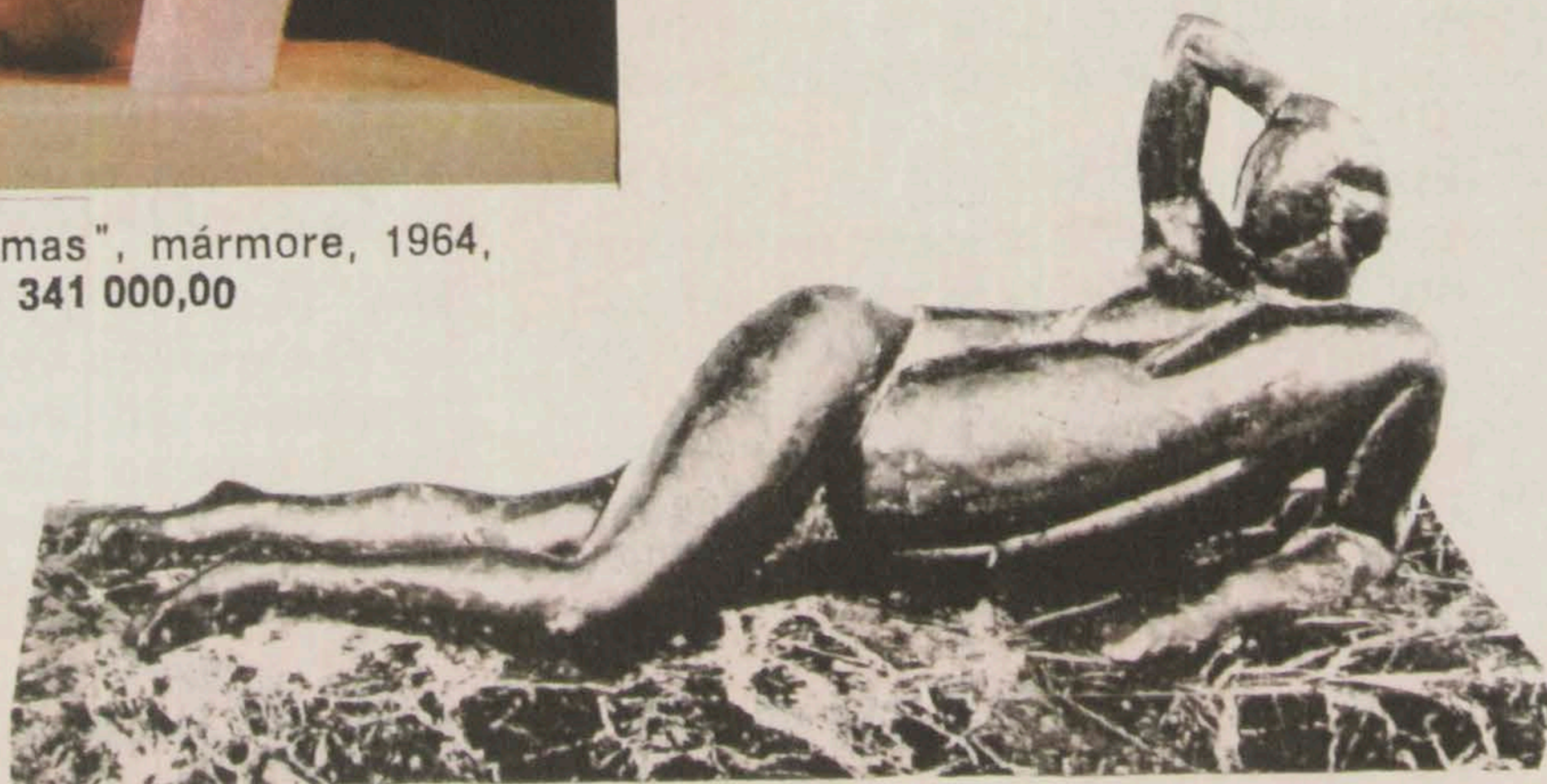
Ben Nicholson (1894), "Piccolo", óleo, 1956,
97 x 98 cm — Cr\$ 287 000,00



Henry Moore (1898), "Duas formas", mármore, 1964,
60 cm de comprimento — Cr\$ 341 000,00



Annibale Carracci (1560-1609),
"Estudo para a taça Farnese"
bico-de-pena e aguada, 25 cm
Cr\$ 241 000,00



Henri Matisse (1869-1954), "Nu deitado" III, 1929
bronze assinado — Cr\$ 267 000,00

vuras de Darel Valença Lins a 83 cruzeiros cada uma. Como essa é a mais autorizada fonte de referências para o preço de muitos trabalhos, simplesmente por ser a única, pareceria fácil deduzir que Darel é um artista medíocre. Contudo, ele conta: "Eles fizeram o seguinte comigo: em 1961 o Franco Terranova da Petite Galerie me comprou 2 000 gravuras. Não nego que participei desse desmunhecimento. Anos depois, elas estavam à venda na Bolsa de Arte na base do grito. Com tanto material sendo oferecido, é claro que haveriam de cair e acabaram sendo vendidas por preços irrisórios, e eu fiquei no livro como se fosse um amador".

Pouca elegância — Em outros casos, há provas de que por falta de artistas e pela necessidade de se alimentar o mercado voraz usam-se recursos pouco elegantes. "Agora estão fazendo reproduções fotomecânicas de Volpi, utilizando-se um processo bastante caro para tiragens relativamente pequenas. Por quê? Ora, o mercado tem sede de obras e de assinaturas de Volpi. Como ele não grava mais, fazem reproduções fotomecânicas que, assinadas, iludem a ignorância de um certo tipo de público. O correto seria formar novos artistas, mas como isso exigiria um certo investimento e como nessa alta do mercado não houve qualquer interesse cultural, preferem fazer reproduções e tirar porcarias das paredes", diz Yara Cohen. E acrescenta: "José Paulo Domingues comprou uma placa da qual poderá tirar centenas de gravuras de Tarsila por 1 000 cruzeiros. Ele não tem qualquer interesse cultural, bem como Ralph Camargo, que só está trabalhando com arte de vanguarda para se capitalizar".

Na verdade, além dos interesses do capital, parecem existir poucos estímulos no "boom" da arte. Alguns de seus in-

vestidores vieram gelados dos ventos da Bolsa de Valores e aqueceram seu dinheiro em busca de lucros rápidos nas telas de Di Cavalcanti e Ismael Néri. Contudo, nas proporções que atingiu, o mercado brasileiro poderia se dar ao luxo de incluir entre suas vendas um número razoável de nomes de valor internacional, sobretudo agora, quando o governo começa a livrá-los da mais grave injustiça que pesava sobre suas finanças. (O ministro Delfim Netto revelou a VEJA a redução de 17% para cerca de 4% do ICM sobre obras de arte. "Esse equívoco é a mesma coisa que cobrar Imposto sobre Produtos Industrializados de alguns artistas.")

Caso algumas gravuras de Rembrandt, ou esculturas de Matisse, aportassem a São Paulo ou ao Rio com mais frequência, o próprio mercado brasileiro, limitado pelas cotações internacionais dessas obras, seria obrigado a assumir as responsabilidades de seus preços.

Os tesouros — Atualmente, alguns dos melhores colecionadores brasileiros, debaixo de um severo manto de descrição, cultivam, até mesmo com certo refinamento, obras de valor indiscutível. Em sua casa da Lagoa Rodrigo de Freitas, Eva Klabin Rapaport teria um Ticiano entre esculturas egípcias e chinesas. No Paraná já foram encontrados quadros de Goya e na rua Barata Ribeiro, em Copacabana, há um de quase 2 metros, enquanto que no apartamento do banqueiro Antônio Sanchez Larragoiti, no Morro da Viúva, há outro. Algumas dezenas de mansões paulistas e cariocas conservam até mesmo quadros modernos de grande qualidade. Tanto que um Chagall teria sido comercializado há pouco tempo por 200 000 dólares.

Esse mercado é subterrâneo e, devido a ele, o pintor holandês Frans Post, que até pouco tempo só tinha valor para brasileiros interessados na obra do protegido de Maurício de Nassau, está emi-



Terranova: um erro a corrigir

grando, pois a descoberta de alguns traços que o tornariam um precursor de Douanier Rousseau fizera que sua cotação chegasse à casa dos 100 000 dólares.

De qualquer forma, não há nenhum indício de mudança de atitude dos marchands e José Paulo Domingues é bastante claro: "Trazer um Rembrandt para o Brasil pode ser bom para o patrimônio, mas não é bom para o mercado. Quando Di Cavalcanti estiver valendo o que valem pintores de sua categoria, como Pollock, então Rembrandt haverá de chegar".

Domingues, porém, é um termômetro bastante precário para uma avaliação de obras fora do Brasil e, quando diz que as garrafas do pintor italiano Giorgio Morandi são obras medíocres, assume uma responsabilidade crítica para a qual nem todo o acervo da Collectio poderia ser um aval aceitável. E Franco Terranova, da Petite Galerie, no Rio, explica a falta de transações internacionais: "Isso foi um mal e deverá ser curado, pois na verdade o Brasil nem comprou nem vendeu no mercado internacional".

O mercado em 1973: as possibilidades

DI CAVALCANTI — Será uma espécie de termômetro do mercado em geral, e acompanhará sua tendência. Não vai ditar uma alta ou uma baixa. E não oporá resistência por certo nem a uma nem a outra.

PORTINARI — Em recente leilão, sete telas ficaram encalhadas. Provável indício de que sua fase de inflação está para acabar.

SEGALL — Especulações à vista. Deve-se desconfiar de valorizações rápidas. Mas é a médio prazo o artista brasileiro com mais possibilidade de comercialização internacional.

VOLPI — Em 1972, chegou praticamente ao preço cabível para um artista em franca produção. Deverá estabilizar-se.

DACOSTA — Para muitos, será a "barbada" de 1973. Sua melhor fase é a geométrica. Mas mesmo essa já está bastante cara.

TERUZ — Só não cai por milagre. Pelo menos é a tendência indicada por todos os entrevistados de VEJA.

GOELDI — Injustiça gritante do mercado, que por hábito subvaloriza a gravura e o desenho. Muito bom e barato.

PANCETTI — Andou em baixa discreta, mas há quem garanta que neste ano se recupera.

BANDEIRA — Deve subir. Mas pode-se prever a especulação. Em todo caso, atualmente ainda está abaixo do preço.

SIGAUD — Invenção do mercado carioca. Tem pouco trânsito em São Paulo, e a duração de sua permanência no mercado é por enquanto uma incógnita.

O mercado de arte entrou em 1973 com uma responsabilidade que os velhos marchands do passado nunca seriam capazes de prever. É certo que ele está numa alta bastante insegura, valendo-se de alguns nomes de indiscutível incompetência. Mas também não há dúvida de que grupos financeiros e sistemas de financiamento tornaram-no irreversível. Ele pode se desmoralizar, como já ocorreu em outros setores, mas não deverá falir.

Agora, enquanto agentes do FBI ajudam o marchand Jean Boghici a procurar dois Portinari nos Estados Unidos em troca de uma pista de um quadro roubado, é lamentável que artistas passem a pintar paisagens azuis e pequenas por ordem de marchands. Assim como é triste saber que um artista assina um pedaço de uma obra sua cortada em duas ou que outro assinava quadros do acadêmico Castagnetto.

Libertem os artistas — Finalmente, em Olinda, o mais culto de todos os marchands brasileiros, Giuseppe Baccaro, depois de condenar o mais astuto de todos os gênios da pintura — “Picasso é um exemplo clamoroso de como o profeta pode ser comprado para dar espetáculos em campos de futebol” —, pergunta: “A sala do armador grego Stavros Niarchos é o lugar adequado para a ‘Pietà’ de El Greco? Ou será que o Cristo está novamente pregado na sua verdade?” E, finalmente, apela: “Libertem Portinari, Di Cavalcanti, Tarsila, Pancetti e muitos outros do cativo. Criem incentivos, estimulem os museus”. À primeira vista, a sugestão de Baccaro, o verdadeiro descobridor de Ismael Néri e do mercado brasileiro, pode parecer um sonho de utopista, mas, na verdade, só a existência de museus será capaz de regularizar o mercado de arte brasileiro. Senão, ele acabará se tornando uma instituição dependente da política e da fiscalização do Ministério da Fazenda.

GOMIDE — *Um pouco Sigaud, ao contrário. Bom mercado paulista; limitado no Rio. Em provável ascensão.*

NÉRI — *Chegou a um nível razoável e à altura de sua obra. Provável estabilização.*

ANITA MALFATTI — *Sua obra ainda não despertou a atenção que merece. Provável alta.*

ESCULTURAS — *Mercado barato e pouco explorado no Brasil. Provavelmente em ascensão.*

PRIMITIVOS — *Cada vez menos cotados, no mercado global. Poucas probabilidades de rápida recuperação.*

A caminho do nada

Erguer, não sem um certo pudor, as longas saias, pondo à mostra fofos calções que desciam até os joelhos e, pela primeira vez, receber o mar em seus pés, foi apenas um primeiro gesto. Como num longo striptease, e ao som nem sempre doce de imprecações moralistas, alternando-se ao coro incentivador de uma platéia ávida e atenta, as mulheres foram se despindo, no Brasil sempre com algum atraso em relação à Europa e Estados Unidos, os centros lançadores das novas tendências.

Neste verão, concentradas por enquanto em algumas centenas de metros da praia carioca de Ipanema, olhadas com alguma inveja e relativo temor pelas menos ousadas, muitas brasileiras parecem se preparar para o “gran finale” do seu comprido número. Sobre o corpo trazem apenas alguns estratégicos centímetros na altura dos seios e outros, ainda mais estratégicos, formando o que antes era chamado de parte inferior do biquíni, hoje com o sobrenome de “cavado” ou rebatizado como tanga, depois de reduzido a dois triângulos, na frente e atrás, presos por estreitas fitas.

O objetivo parece ser o de, escondendo, não esconder: o biquíni de renda de Kátia Regina Gofmann, 23 anos, é realmente transparente e os dois finos cordões de jérsei, que passam na altura dos quadris de Regina Villon, vinte anos,

quase não sustentam sua mínima tanga cor-de-rosa. Elas, como todas as outras que aderiram à moda da quase nudez, acham ótimo que seja assim precária a proteção. “Acho maravilhoso que as pessoas vejam meu corpo, já que ele é bonito”, diz Sandra Fleury, estudante de sociologia de 26 anos, que deixa de lado até mesmo a tanga quando vai à praia em Angra dos Reis.

continua na página 56



Maiô em 1954: como o de Marta Rocha



Em 1910, quase nos joelhos...



... e de 1930 a 40, na metade da coxa

DESDE QUE DESCOBRIU A PRAIA, A MULHER VEM SE DESPIDO. NAS PÁGINAS SEGUINTE, O ESTÁGIO ATUAL